



"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE - Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

ENTRE LINHAS E MEMÓRIAS: O BORDADO COMO EXPERIÊNCIA POÉTICA NO ENSINO DE ARTE

Márcio Roda

Prefeitura Municipal – Ourinhos/SP

Eliane Patricia Grandini Serrano

UNESP – Bauru/SP

RESUMO

O presente artigo apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida com estudantes do 7.º ano do Ensino Fundamental II, ao longo do primeiro bimestre letivo de 2026, entre os meses de março e abril, a partir de práticas de bordado articuladas à cultura visual e à arte contemporânea brasileira. A proposta partiu da investigação de imagens presentes no cotidiano, da leitura de obras de artistas como Rosana Paulino, Arthur Bispo do Rosário, Eduardo Kobra, Vik Muniz e Sebastião Salgado, além da observação de objetos comuns do espaço escolar. Como desdobramento, os estudantes produziram desenhos de observação que posteriormente foram transformados em composições bordadas sobre papel, utilizando processos de perfuração e passagem de linhas. A pesquisa busca refletir sobre como o bordado, enquanto prática artística contemporânea, pode romper expectativas tradicionais do fazer artístico escolar e favorecer experiências autorais, perceptivas e poéticas no ensino de arte. Metodologicamente, o trabalho aproxima-se de um relato de experiência com abordagem qualitativa, valorizando os processos criativos, as práticas manuais e os registros visuais produzidos ao longo das aulas. Os resultados observados indicam que a prática do bordado ampliou processos de sensibilização estética, percepção visual, pertencimento e engajamento dos estudantes, especialmente ao transformar objetos cotidianos em produções autorais. Conclui-se que experiências artísticas fundamentadas na observação, na materialidade e no fazer manual podem contribuir para a construção de relações mais sensíveis e significativas entre os estudantes, a arte e o cotidiano escolar.

Palavras-chave: bordado; ensino de arte; cultura visual; experiência estética; processos criativos.



"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

INTRODUÇÃO

Pensar o ensino de arte na contemporaneidade implica refletir sobre os modos como os estudantes observam, interpretam e constroem relações com as imagens presentes em seu cotidiano. Em uma sociedade marcada pela velocidade das informações visuais e pelo consumo constante de imagens digitais, torna-se necessário criar experiências pedagógicas que ampliem o tempo de observação, percepção e sensibilização estética no espaço escolar.

Nesse contexto, o presente artigo apresenta uma experiência desenvolvida com estudantes do 7.º ano do Ensino Fundamental II, durante o primeiro bimestre letivo de 2026, entre os meses de março e abril, a partir de práticas de bordado relacionadas à cultura visual e à arte contemporânea brasileira. A proposta buscou aproximar os estudantes de experiências artísticas fundamentadas na observação do cotidiano, na percepção dos elementos visuais e na construção de processos autorais.

O percurso pedagógico teve início com discussões sobre cultura visual, e como apoio teórico recorreu-se às considerações de Raimundo Martins (2011) em relação à leitura de imagens e presença da arte no cotidiano, articulando obras de artistas contemporâneos brasileiros como Eduardo Kobra, Vik Muniz, Sebastião Salgado, Rosana Paulino e Arthur Bispo do Rosário. A partir dessas referências, os estudantes foram convidados a observar objetos comuns da sala de aula e transformá-los em desenhos de observação. Posteriormente, os desenhos foram convertidos em composições bordadas sobre papel por meio de processos de perfuração e passagem de linhas.

A escolha pelo bordado como linguagem artística surgiu da intenção de deslocar expectativas tradicionais relacionadas às aulas de arte, propondo experiências manuais capazes de estimular atenção, permanência, sensibilidade e pertencimento. Em um primeiro momento, observou-se certa resistência dos estudantes diante da prática manual. Entretanto, ao longo do processo, houve crescente envolvimento e engajamento com a proposta, especialmente pela possibilidade de construção autoral e experimentação estética.



"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE - Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Dessa forma, o artigo busca refletir sobre a seguinte questão: como o bordado, enquanto prática artística contemporânea, pode romper expectativas tradicionais do fazer artístico escolar e favorecer experiências autorais, perceptivas e poéticas no ensino de arte no Fundamental II?

O objetivo geral é desenvolver experiências artísticas com o bordado a partir da cultura visual e de referências da arte contemporânea brasileira, buscando ampliar processos de percepção, pertencimento e compreensão da arte como experiência estética, na escola.

Metodologicamente, o trabalho aproxima-se de um relato de experiência com abordagem qualitativa, fundamentado em práticas de observação, registros fotográficos e processos criativos desenvolvidos em sala de aula.

CULTURA VISUAL E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO ENSINO DE ARTE

A presença das imagens no cotidiano contemporâneo transforma constantemente as formas de perceber, interpretar e experienciar o mundo. Desde cedo, os estudantes estabelecem relações com diferentes produções visuais, como fotografias, vídeos, ilustrações, publicidade, redes sociais e imagens presentes no espaço urbano. Nesse contexto, o ensino de arte torna-se um importante espaço para ampliar leituras críticas e sensíveis sobre a cultura visual. Nesta perspectiva, Raimundo Martins contribui de maneira decisiva para a consolidação da cultura visual no campo da arte/educação, especialmente ao defender práticas pedagógicas voltadas à leitura crítica das imagens e à compreensão de seus atravessamentos culturais e políticos. Para o autor, a educação da cultura visual implica reconhecer que sujeitos contemporâneos são constituídos em meio a intensos fluxos imagéticos e, portanto, necessitam desenvolver competências analíticas para interpretar, problematizar e produzir visualidades de forma crítica (MARTINS, 2011).

Para a proposição, foi escolhida a abordagem da cultura visual, tendo em vista que esta é compreendida como um campo interdisciplinar de estudos dedicado à análise das imagens, visualidades e regimes do olhar na contemporaneidade.

Realização:



Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE - Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Mais do que uma teoria unificada ou uma metodologia específica, constitui um território epistemológico híbrido que articula diferentes referenciais teóricos e procedimentos analíticos para investigar a produção, circulação e recepção das imagens em contextos sociais, culturais e políticos. E ainda, nessa abordagem, as imagens deixam de ser compreendidas como objetos neutros ou meros reflexos da realidade, passando a ser entendidas como produções culturais implicadas em processos de poder, representação e construção identitária.

Assim, as imagens participam ativamente da elaboração de narrativas sobre gênero, raça, classe, pertencimento e diferença, operando como dispositivos de produção de sentido.

Dessa perspectiva, propor ações estéticas e estésicas, no chão da escola, a partir da cultura visual significa compreender que as imagens não apenas circulam socialmente, mas organizam modos de ver, de desejar e de existir. Em uma sociedade marcada pela proliferação e aceleração visual, torna-se fundamental analisar criticamente como tais imagens participam da construção de imaginários coletivos, práticas de consumo e formas de subjetivação. Pelos conceitos que podem ser atravessados pela cultura visual, percebemos que explorar a linguagem do bordado, para o estudo e leitura de imagens, poderia ser uma maneira de se trabalhar pedagógica e afetivamente a Arte. Destaca-se ainda que como campo interdisciplinar e perspectiva investigativa, a Cultura Visual não foi tratada como um método ou teoria isolada, e sim como suporte docente ao propor as ações.

Durante o desenvolvimento das aulas, as discussões iniciais partiram de perguntas relacionadas à presença da arte no cotidiano e à construção das imagens presentes na vida diária dos estudantes. Questões como "Onde encontramos arte?", "Quais imagens fazem parte do nosso cotidiano?" e "As imagens podem comunicar sentimentos e ideias?" possibilitaram a construção de diálogos coletivos sobre percepção visual e experiência estética.

As aulas buscaram compreender a cultura visual não apenas como um conjunto de imagens consumidas diariamente, mas como um campo de experiências capaz de produzir sentidos, memórias e formas de pertencimento. Nesse processo, os estudantes



"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE - Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

foram convidados a perceber que a arte também pode surgir de elementos simples e cotidianos, aproximando a experiência artística da realidade escolar.

A leitura de imagens esteve presente ao longo de toda a proposta pedagógica. As obras apresentadas funcionaram como disparadoras de conversas, interpretações e reflexões, estimulando os estudantes a observarem detalhes, materiais, formas e intenções presentes nos trabalhos artísticos.

Ao valorizar a observação e o tempo da experiência, as práticas desenvolvidas buscaram romper com perspectivas de ensino centradas apenas no produto final. Mais do que produzir um objeto artístico, os estudantes foram convidados a viver processos de investigação, percepção e criação.

Nesse sentido, a experiência estética esteve relacionada à possibilidade de construir vínculos afetivos e sensíveis com o fazer artístico, compreendendo a arte como experiência vivida no tempo e não apenas como resultado técnico.

REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS E PROCESSOS DE MEDIAÇÃO

As referências artísticas apresentadas durante o percurso pedagógico tiveram papel fundamental na construção das experiências visuais e poéticas desenvolvidas pelos estudantes. A escolha dos artistas buscou aproximar os alunos de produções contemporâneas brasileiras que dialogassem com cultura visual, memória, materialidade, identidade e processos manuais.

As obras de Eduardo Kobra contribuíram para reflexões relacionadas à presença da arte no espaço urbano e à construção de imagens em grande escala. Seus murais possibilitaram discussões sobre cores, composição visual e transformação dos espaços cotidianos através da arte. (Figura 1)

Realização:



Apoio:



Filiado a:



Figura 1. Projeto Muro das Memórias



Fonte: <https://blog.archtrends.com/eduardo-kobra/>

Já Vik Muniz permitiu ampliar a percepção dos estudantes sobre materialidade e reinvenção das imagens. Ao utilizar materiais não convencionais em suas produções, o artista evidenciou que a arte pode surgir da experimentação e da ressignificação de elementos simples do cotidiano. (Figura 2)

Figura 2. Projeto Lixo Extraordinário



Fonte: Reprodução fotográfica Iara Venanzi/ Itaú Cultural

As fotografias de Sebastião Salgado favoreceram reflexões sobre observação, sensibilidade e construção do olhar. Através de imagens em preto e branco, os estudantes puderam perceber como a fotografia pode revelar narrativas, sentimentos e experiências humanas. (Figura 3)

Figura 3. Filhotes de elefantes-marinho-do sul



Fonte: <https://bhaz.com.br/noticias/fotos-sebastiao-salgado/>

Entretanto, foram principalmente as produções de Rosana Paulino e Arthur Bispo do Rosário que estabeleceram conexões mais profundas com a prática do bordado desenvolvida em sala de aula.

As obras de Rosana Paulino possibilitaram diálogos sobre memória, identidade e ancestralidade. O uso da costura, das linhas e dos tecidos em suas produções revelou aos estudantes que o bordado também pode atuar como linguagem artística contemporânea, capaz de produzir narrativas visuais e discutir questões sociais e históricas. (Figura 4)

Figura 4. Parede da Memória, 1994/2015



Fonte. www.rosanapaulino.com.br

Da mesma forma, as produções de Arthur Bispo do Rosário aproximaram os estudantes da ideia de bordado como registro de existência, memória e organização simbólica do mundo. Seus trabalhos demonstraram que linhas, palavras, objetos e tecidos podem transformar-se em formas de expressão poética. (Figura 5)

Figura 5. Sem Título [Manto da apresentação]



Fonte: Reprodução fotográfica Rafael Adorjan/Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea

As mediações realizadas durante as aulas priorizaram rodas de conversa, observação coletiva das imagens e perguntas investigativas. Em vez de apresentar respostas prontas sobre as obras, buscou-se estimular interpretações pessoais, diálogos e construções de sentido.

Essa abordagem permitiu que os estudantes percebessem a arte contemporânea como um espaço aberto à experimentação, à subjetividade e à autoria.

O BORDADO COMO EXPERIÊNCIA POÉTICA

Após as discussões sobre cultura visual, elementos visuais e referências artísticas, os estudantes foram convidados a desenvolver uma prática de observação do espaço escolar. Cada aluno escolheu um objeto comum presente na sala de aula, buscando observar detalhes, formas, linhas e estruturas muitas vezes despercebidas no cotidiano.



"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE - Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

A proposta procurou ampliar o olhar dos estudantes sobre o espaço que habitavam diariamente, incentivando experiências de desaceleração da percepção e atenção aos pequenos detalhes.

Inicialmente, os objetos foram desenhados sobre papel, priorizando linhas, contornos e simplificações formais. Em seguida, os desenhos foram fixados em um suporte mais rígido, onde os estudantes realizaram pequenas perfurações ao longo das linhas desenhadas.

Posteriormente, iniciou-se o processo de bordado através da passagem de linhas pelos furos realizados no papel. Aos poucos, os desenhos passaram a adquirir nova materialidade, transformando-se em composições visuais construídas pelo tempo, pelo gesto e pela repetição.

Mais do que uma atividade técnica, o bordado tornou-se uma experiência de permanência, atenção e construção poética. Os estudantes precisaram lidar com o ritmo do fazer manual, com a delicadeza do gesto e com a construção gradual das imagens.

Durante as primeiras aulas, observou-se certa resistência diante da proposta, especialmente pelo estranhamento inicial em relação ao bordado enquanto linguagem artística. Muitos estudantes associavam práticas manuais a atividades distantes do ensino de arte contemporâneo.

Entretanto, ao longo do processo, houve crescente envolvimento e engajamento com a experiência. A possibilidade de produzir imagens autorais a partir de objetos do cotidiano favoreceu relações mais afetivas com o trabalho desenvolvido.

As práticas realizadas demonstraram que o bordado pode ampliar experiências de autoria e pertencimento no espaço escolar. Ao transformar objetos comuns em imagens bordadas, os estudantes passaram a observar o cotidiano de forma mais sensível e investigativa.

Além disso, o processo de perfuração e passagem da linha deslocou o desenho de sua condição bidimensional tradicional, aproximando os estudantes de experiências táteis e corporais relacionadas à arte contemporânea.

Nesse sentido, o bordado revelou-se não apenas como técnica, mas como linguagem capaz de articular memória, percepção, tempo e experiência estética. (Figura

6)

Realização:



Apoio:



Filiado a:



Figura 6. Produção em sala de aula



Foto Marcio Roda, 2026

PROCESSOS DE AUTORIA, PERTENCIMENTO E EXPOSIÇÃO

Um dos aspectos mais significativos da proposta pedagógica esteve relacionado à construção de processos autorais entre os estudantes. Embora todos partissem do mesmo espaço, a sala de aula, cada produção revelou formas particulares de observação, síntese visual e interpretação.

As diferentes escolhas de objetos, linhas, composições e percursos do bordado evidenciaram a singularidade de cada estudante diante da experiência artística.

Ao longo do processo, tornou-se perceptível o desenvolvimento de relações mais próximas entre os alunos e suas próprias produções. O tempo dedicado ao desenho, à perfuração do papel e à passagem das linhas favoreceu experiências de cuidado, permanência e construção gradual das imagens.

Nesse percurso, o fazer manual deixou de ser compreendido apenas como execução técnica e passou a constituir uma experiência estética relacionada ao tempo, à presença e à percepção.

A culminância da proposta ocorreu através da organização de uma exposição com os trabalhos produzidos pelos estudantes. A exposição possibilitou ampliar o reconhecimento das produções autorais, valorizando os processos criativos desenvolvidos durante o bimestre. (Figura 7)

Figura 7. Exposição



Foto Márcio Roda, 2026

Mais do que apresentar resultados finais, a exposição representou um espaço de compartilhamento de experiências e construção de pertencimento coletivo. Os registros fotográficos realizados durante as aulas também se tornaram importantes evidências do percurso pedagógico. As imagens revelam momentos de concentração, observação, experimentação e construção manual, evidenciando o envolvimento dos estudantes com o processo criativo.

As práticas desenvolvidas demonstraram que experiências artísticas fundamentadas na observação do cotidiano e na materialidade podem fortalecer vínculos entre estudantes, arte e espaço escolar. Ao transformar objetos comuns em composições bordadas, os alunos passaram a perceber o ambiente escolar não apenas como espaço funcional, mas como território de criação, memória e experiência estética.



"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE - Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou refletir sobre o bordado como experiência poética e visual no ensino de arte, a partir de uma prática pedagógica desenvolvida com estudantes do 7.º ano do Ensino Fundamental II.

Ao longo do percurso, foi possível perceber que experiências fundamentadas na observação, na cultura visual e no fazer manual podem ampliar processos de sensibilização estética, percepção e pertencimento no espaço escolar. As referências da arte contemporânea brasileira contribuíram significativamente para aproximar os estudantes de diferentes modos de compreender a arte, especialmente ao evidenciar que materiais simples, linhas, tecidos e objetos cotidianos também podem constituir produções artísticas.

O bordado revelou-se uma linguagem potente para o desenvolvimento de experiências autorais, principalmente por exigir atenção, permanência e construção gradual das imagens. Em um contexto marcado pela velocidade das imagens digitais e pelo imediatismo, as práticas manuais favoreceram momentos de desaceleração do olhar e envolvimento sensível com os processos criativos.

Embora inicialmente tenha havido resistência diante da proposta, o crescente engajamento dos estudantes demonstrou a potência das experiências artísticas fundamentadas no fazer, na observação e na materialidade.

Além disso, a construção da exposição final ampliou o reconhecimento das produções desenvolvidas pelos estudantes, fortalecendo relações de pertencimento e valorização da autoria.

Conclui-se que o ensino de arte pode constituir um espaço significativo para experiências sensíveis e poéticas, especialmente quando possibilita aos estudantes transformar o cotidiano em território de criação, memória e expressão.



"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MARTINS, Raimundo. Cultura visual e educação: construindo uma agenda de investigação. In: CULTURA VISUAL E ESCOLA. Boletim 09 da TV Escola.; 2011, disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/isabeldantas/festa-e-ludicidade/arte-educacao/imagem-identidade-e-escola.-martins-raimundo>. (Acesso em 15/05/2026)

PAULINO, Rosana. Parede da memória. São Paulo, 1994-2015.

ROSÁRIO, Arthur Bispo do. Manto da apresentação. Rio de Janeiro.

SALGADO, Sebastião. Êxodos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MUNIZ, Vik. Reflex: Vik Muniz de A a Z. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

KOBRA, Eduardo. Obras e murais urbanos. São Paulo.

Realização:



Apoio:



Filiado a:

